

O jogo dramático na Educação Infantil: aproximações com a Educação Física escolar

Raianne Mattos Miranda¹

Bruna Santana Anastácio²

Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari³

Rafael Carvalho da Silva Mocarzel⁴

Resumo:

O presente ensaio teórico-reflexivo analisa a pertinência do jogo dramático na Educação Física escolar infantil. O objetivo é tensionar o valor pedagógico dessa metodologia, contrastando a visão cognitiva do jogo simbólico de Jean Piaget com as perspectivas socioculturais do desenvolvimento. Defende-se que o jogo dramático constitui uma ferramenta metodológica robusta que transcende o caráter meramente lúdico, potencializando o desenvolvimento motor, afetivo e social por meio da representação e da experimentação de papéis. Essa prática exige que o corpo seja compreendido como principal ferramenta de expressão e linguagem, garantindo a escolarização pelo movimento. A análise demonstra que o potencial do jogo reside na tensão entre a assimilação individual e a acomodação social, que se manifesta durante a ação dramática. Conclui-se que a efetividade dessa proposta didática é desafiada pela carência de pluralidade cultural na formação docente em Educação Física, sendo urgente que os currículos integrem o corpo como elemento de inserção cultural e estética, abrindo caminho para futuras pesquisas.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Processo Ensino-Aprendizagem. Corporeidade. Ludicidade. Infância.

Dramatic Play in Early Childhood Education: Approaches to School Physical Education

Abstract: This theoretical-reflexive essay analyzes the relevance of dramatic play in early childhood Physical Education (PE). The objective is to critically examine the pedagogical value of this methodology, contrasting the cognitive view of Jean Piaget's symbolic play with sociocultural perspectives on development. It is argued that dramatic play constitutes a robust methodological

¹ Especialista em Educação Física Escolar, Universidade Estácio de Sá, E-mail: profraianne.m@hotmail.com.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3943-1593>

² Doutora em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: brunaanastacio@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5631-0070>

³ Doutor em Ciências do Desporto, Universidade de Vassouras. E-mail: ceraferrari@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8671-7448>

⁴ Doutor em Ciências do Desporto, Universidade de Vassouras. E-mail: professormocarzel@gmail.com ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9480-826X>

tool that transcends mere playfulness, enhancing motor, affective, and social development through the representation and experimentation of roles. This practice requires the body to be understood as the main tool for expression and language, ensuring schooling through movement. The analysis demonstrates that the potential of this play lies in the tension between individual assimilation and social accommodation, which manifests during the dramatic action. We conclude that the effectiveness of this didactic proposal is challenged by the lack of cultural plurality in the PE teaching formation, making it urgent for curricula to integrate the body as an element of cultural and aesthetic insertion, paving the way for future research.

Keywords: Pedagogical Practices. Teaching-Learning Process. Corporeity. Playfulness. Childhood.

El juego dramático en la Educación Infantil: aproximaciones a la Educación Física escolar

Resumen: El presente ensayo teórico-reflexivo analiza la pertinencia del juego dramático en la Educación Física escolar infantil (EFI). El objetivo es tensionar el valor pedagógico de esta metodología, contrastando la visión cognitiva del juego simbólico de Jean Piaget con las perspectivas socioculturales del desarrollo. Se defiende que el juego dramático constituye una herramienta metodológica sólida que trasciende el carácter meramente lúdico, potenciando el desarrollo motor, afectivo y social a través de la representación y la experimentación de roles. Esta práctica exige que el cuerpo sea comprendido como la principal herramienta de expresión y lenguaje, garantizando la escolarización a través del movimiento. El análisis demuestra que el potencial del juego reside en la tensión entre la asimilación individual y la acomodación social, que se manifiestan durante la acción dramática. Se concluye que la efectividad de esta propuesta didáctica se ve desafiada por la escasez de pluralidad cultural en la formación docente de Educación Física, siendo urgente que los currículos integren el cuerpo como elemento de inserción cultural y estética, abriendo camino a futuras investigaciones.

Palabras clave: Prácticas Pedagógicas. Proceso Enseñanza-Aprendizaje. Corporeidad. Ludicidad. Infancia.

1 Introdução

A Educação Infantil (EI) é reconhecida, tanto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ou LDB (BRASIL, 1996) quanto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais ou PCN (BRASIL, 1997), como a etapa crucial e fundante do processo de escolarização. Sua finalidade primordial é promover o desenvolvimento integral do aluno em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. A Base Nacional Comum Curricular ou BNCC (BRASIL, 2018) consolida essa perspectiva, elegendo as interações e a brincadeira como eixos estruturantes essenciais para a construção de conhecimentos e a socialização, o que posiciona a intencionalidade pedagógica como decisiva nos anos iniciais. É nesse cenário que a Educação Física Escolar (EFE) se insere, sendo um componente curricular que, ao tematizar as práticas corporais, assume a responsabilidade de desenvolver a percepção do corpo não apenas como estrutura orgânica, mas como uma ferramenta de autoexpressão e linguagem na cultura.

A EFE, por sua natureza multifacetária e epistemologicamente constituída pela articulação de diversas áreas do saber, é a disciplina escolar que potencialmente articula os domínios do comportamento humano – cognitivo, afetivo e motor – no contexto da formação integral. Contudo, apesar do movimento ser caracterizado como a principal linguagem da

criança na EI (SOARES *et al.*, 1992; MATTOS; NEIRA, 2009; BASEI, 2008; FERRARI, 2020), a atuação do professor de EFe nessa etapa muitas vezes se restringe a um caráter predominantemente recreativo, negligenciando a sistematização e a intencionalidade pedagógica. Essa lacuna é corroborada pela incipiência de pesquisas que debatem a EFe na perspectiva da BNCC (2018), o que impõe o desafio de enriquecer as experiências infantis com projetos pedagógicos adequados (PASCHOAL; MACHADO, 2009). Nesse quadro, o jogo emerge como um conteúdo cultural central, que extrapola a dimensão do lúdico ao exigir a voluntariedade e a presença do indivíduo na *práxis* (ANASTÁCIO, 2016; MOCARZEL; FERRARI; RETONDAR, 2022).

Neste panorama, o jogo dramático se apresenta como uma possibilidade robusta para a EFe, pois permite à criança a imersão imaginativa e a experimentação de papéis sociais e individuais, dinamizando o processo de desenvolvimento e aprendizagem (LEPRE *et al.*, 2012; LOMBARDI, 2023). No entanto, a simples constatação do valor lúdico do jogo dramático não esgota seu potencial; torna-se premente uma análise crítico-reflexiva que o posicione no currículo da EFe. Diante da necessidade de aprofundar a base teórica que sustenta essa prática na EI, este ensaio teórico-reflexivo (SEVERINO, 2000) tem por objetivo analisar a pertinência do jogo dramático na Educação Física escolar infantil (EFei), buscando tensionar seus conceitos a partir da Psicologia Genética de Piaget (1999). Assim, propomos uma leitura que ultrapasse a mera descrição da atividade, posicionando o jogo dramático como uma estratégia educacional capaz de fomentar o conhecimento intuitivo e intelectual, exigindo um olhar mais apurado sobre a formação e a prática docente na área.

Defende-se que este estudo possui significativa relevância em duas frentes. A primeira recai no campo da contribuição metodológica e curricular, buscando evidenciar o jogo dramático como uma ferramenta metodológica robusta para o desenvolvimento infantil, que vai além do recreativo e potencializa a EFe na EI, articulando os domínios motor, cognitivo e afetivo. A segunda se alicerça na contribuição epistemológica e para a formação docente, abordando a lacuna existente na literatura, em que se verifica a dificuldade do professorado em lidar com conteúdos interligados à arte e a carência de pluralidade cultural na formação universitária. Assim, este ensaio contribui ao estimular pesquisas futuras sobre o tema articulado com a EFe, dada a dificuldade dos autores em encontrar material nessa intersecção.

2 Reflexões iniciais

Nas classes iniciais da EI, a fase simbólica emerge de forma proeminente, momento em que os estudantes aprendem com base nos traços do mundo do “faz-de-conta”, sem relegar o aporte teórico a segundo plano (COURTNEY, 2003). De fato, a BNCC reconhece que a interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, potencializando as aprendizagens e o desenvolvimento integral, além de mediar a expressão de afetos e a resolução de conflitos (BRASIL, 2018). Contudo, o desenvolvimento de projetos pedagógicos de qualidade para essa faixa etária, que de fato enriqueçam as experiências infantis e utilizem a ludicidade como elemento fundamental, ainda se apresenta como um dos grandes desafios na EI (PASCHOAL; MACHADO, 2009). É imperativo que o profissional de Educação Física, enquanto ator central na estruturação das práticas pedagógicas, vá além da mera atividade espontânea e insira conteúdos que maximizem a autodescoberta e a experiência estética da criança (DONATO *et al.*, 2023).

Nesta busca por enriquecer as vivências da criança, a área da EFe propõe o jogo dramático como uma possibilidade robusta e estratégica. Defendemos que é por meio da representação e da experimentação dos papéis sociais e individuais que a criança pode fomentar novas vivências e aprendizagens nos domínios do comportamento humano (SLADE, 1978; LEPRE *et al.*, 2012). Argumentamos que o professor de EFe, em particular, possui o poder de potencializar práticas que, quando analisadas sob o viés cognitivo, afetivo e motor, resultam em momentos de autodescoberta e na aquisição de conhecimentos intuitivos e intelectuais (Lopes; Madureira, 2006). Assim, ao adotarmos o jogo dramático como ferramenta metodológica para o desenvolvimento infantil, reconhecemos sua capacidade de estimular o envolvimento dos estudantes, o que culmina numa participação ativa do corpo como principal instrumento de expressão e de aprendizado.

Para alicerçar a proposta do jogo dramático, é fundamental revisitar os estudos que se debruçam sobre as questões psicomotoras e pedagógicas do desenvolvimento infantil, com destaque para a epistemologia genética de Piaget (1999), e as contribuições de autores como Le Boulch (2008) e Gallahue, Ozmun, Goodway (2013). Tais perspectivas convergem na compreensão de que a criança se desenvolve durante a interação com o ambiente, tendo o movimento como um dos principais instrumentos dinamizadores da inter-relação com o meio e com o outro. Nessa etapa, o ato de se-movimentar em suas múltiplas vertentes é, fundamentalmente, a principal linguagem da criança, sendo enquadrado como força motriz para a literacia motora e para o processo de escolarização pelo corpo (SOARES *et al.*, 1992; MATTOS; NEIRA, 2009; BASEI, 2008; FERRARI, 2020). No entanto, para o jogo dramático, essa base deve ser analisada sob a perspectiva da cultura, pois o corpo é mais do que uma mera estrutura orgânica: ele é o campo em que se manifestam a expressão e a estética (FERRY, 1997; RETONDAR, 2011).

O jogo, enquanto conteúdo da EFe, manifesta-se na sociedade contemporânea em diversas formas, mas sua definição transcende a mera perspectiva do lúdico, colaborando inclusive com o desenvolvimento do senso de coletividade (VIEIRA; LIMA, 2018). Não obstante, há relatos do jogo dramático ter sido usado como forma de aproximação entre professores e alunos durante o período pandêmico do Covid-19 (CARVALHO, 2024), o que Mesquita (2021) e Pinto (2023) defendem ser possível ocorrer também na EI.

De acordo com a visão clássica de Huizinga (2010), o jogo é caracterizado como uma atividade livre, conscientemente tomada como "não-séria" e exterior à vida habitual, mas que absorve o jogador de maneira intensa e total, operando dentro de limites espaciais e temporais próprios, seguindo certa ordem e regras. Assim, a voluntariedade deve estar intrínseca do início ao fim da *práxis* para que se configure o êxtase da manifestação social (MOCARZEL; FERRARI; RETONDAR, 2022). Em razão disso, a definição de jogo é complexa, englobando uma multiplicidade de manifestações concretas que o aproximam ou o distanciam do próprio significado de jogo e não-jogo, conforme o contexto cultural (KISHIMOTO, 1994). O que leva o indivíduo a estar presente na atividade é um componente idiossincrático que define a experiência.

Na infância, o jogo estimula o crescimento, o desenvolvimento motor e as faculdades intelectuais, além de favorecer o progresso da palavra (TEZANI, 2006). Contudo, a Educação Física, ao incluir o jogo como um de seus blocos de conteúdo, necessita respeitar, compreender e acolher o universo cultural infantil, dando acesso a outras formas de produzir conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento da criança (BASEI, 2008). O jogo, em sua qualidade de alegoria humana, deve se adequar à intencionalidade pedagógica do professor, dependendo do culturalismo e da necessidade do ambiente. É nesse ponto que se

intensifica a presença dos jogos dramáticos no cotidiano infantil, que se caracterizam pela atribuição e atuação em papéis, suspendendo os limites da realidade e dramatizando várias situações e ações com base no papel escolhido ou atribuído.

O jogo dramático, diferentemente de uma simples atividade de "faz de conta", constitui uma imersão imaginativa em um mundo lúdico construído pela criança (LOMBARDI, 2023). Defendemos que essa forma de jogo é, na verdade, uma evolução, pois envolve a fantasia juntamente com outras crianças e inclui a mediação intencional do professor, com o potencial de reduzir a resistência e gerar um campo relaxado para que o indivíduo entre em contato com seus conflitos (MANZONI, 2008). Esse gênero de jogo consiste em uma metodologia que tem a capacidade de estimular a aprendizagem, ratificando a figura do professor como agente nuclear do processo de ensinar-aprender (BELLIDO; CAPELLINI; LEPRE, 2008). Assim, o jogo dramático, ao fundir a expressão corporal, linguística e rítmico-musical, opera como uma ferramenta de descoberta e criação, estimulando a imaginação, a afetividade e a dramatização, e abrindo o caminho para o desenvolvimento socioafetivo da criança.

3 O Jogo dramático sob o olhar da epistemologia genética: da assimilação à expressão na educação física escolar

A EFe se estabelece como uma área de conhecimento plural e complexa, cujo objetivo é desenvolver integralmente os discentes por meio da tematização das práticas corporais, inserindo o movimento humano no âmbito da cultura (BRASIL, 2018). No entanto, para além da perspectiva orgânica, é crucial que o professor de EFe esclareça ao aluno que o corpo transcende a mera estrutura de ossos e músculos. Defende-se aqui, em linha com Mattos e Neira (2009), o pressuposto de que o corpo é fundamentalmente uma ferramenta de autoexpressão por meio do movimento, o que exige um autoconhecimento profundo para uma visão integrada do ser. Essa percepção do corpo exige uma abordagem que seja não apenas holística, mas também estética (FERRY, 1997), alinhando-se com a noção de que a EFe tem como objeto de estudo a expressão corporal como linguagem.

Ao analisar a EFe sob um ponto de vista epistemológico, notamos que ela se estrutura em um permanente "empréstimo de referenciais teóricos", o que a caracteriza como um campo multifacetário que lida com o aluno em seu caráter biológico, social e motor (GALLARDO, 2009). Embora essa característica tenha levado alguns autores como Bracht (2003) a observarem a EFe como uma disciplina "colonizada" ou que se parece com as ciências básicas, é crucial ressaltar que essa junção de áreas do saber possibilita uma abordagem sociocultural que distingue as aquisições motoras a partir do grupo social específico do indivíduo. Nessa perspectiva, o professor deve atuar como mediador, auxiliando o aluno a desenvolver seu conhecimento e superar seus limites, respeitando as fases do desenvolvimento e os vínculos sociais.

Diante dessa multiplicidade teórica, a EFe utiliza diversos conteúdos como ferramenta pedagógica. O jogo surge como um dos fenômenos mais conhecidos, sendo uma atividade humana carregada de significados, presente em diversos momentos da vida e pertencente à cultura (RETONDAR, 2013). No entanto, o conceito de jogo na Educação Física deve ser compreendido sob a ótica da voluntariedade e da capacidade de absorção do jogador, conforme Huizinga (2010). Para o desenvolvimento desta seção, a análise se

concentra no jogo dramático, que, como estratégia educacional, articula imaginação, dramatização e o lúdico com o pensamento e a fala, potencializando a aquisição de conhecimentos intuitivos e intelectuais. Essa atividade, que envolve a inversão da posição inicial do sujeito, deve ser examinada em sua relação com os processos de assimilação e acomodação da Psicologia Genética, dado o seu valor no desenvolvimento infantil.

A epistemologia genética de Piaget (1999) oferece o alicerce fundamental para a compreensão das manifestações lúdicas na infância, especialmente no que concerne ao desenvolvimento cognitivo. Segundo tal perspectiva, o jogo simbólico (ou de ficção) é o expoente máximo do jogo na EI, pois se constitui como o momento em que a criança demonstra sua capacidade de adaptação à realidade por meio da representação. Nessa leitura, o jogo é um mecanismo de desenvolvimento em que predomina a assimilação sobre a acomodação, permitindo à criança internalizar e dar significado próprio aos objetos e eventos do mundo. Ao transformar um objeto em algo que ele não é (por exemplo, um cabo de vassoura em cavalo), a criança assimila a realidade ao seu eu. No entanto, é fundamental tensionar essa leitura, pois o foco excessivo no indivíduo e no aspecto cognitivo pode negligenciar a dimensão cultural e a interação social que são cruciais para a EFe.

Em contraste com a ênfase piagetiana na dimensão individual do jogo simbólico, o jogo dramático – que se situa no universo da arte e da representação teatral – exige que a atividade seja analisada para além da assimilação cognitiva. O jogo dramático, enquanto metodologia, pressupõe a interação social e a representação de papéis em um contexto culturalmente situado, o que o aproxima das perspectivas socioculturais do desenvolvimento. Embora o jogo dramático possua a fantasia e a assimilação como elementos centrais, ele demanda uma dimensão de acomodação social, pois a criança precisa ajustar sua representação individual ao roteiro coletivo e ao papel do parceiro. Argumenta-se aqui que é nessa tensão entre a assimilação individual e a acomodação social e cultural que reside o potencial educativo do jogo dramático para a EFe, pois o corpo se torna o campo de diálogo entre o eu e o outro, entre a imaginação e o mundo real.

Ademais, ao incorporar o jogo dramático na EFe, exige-se do professor um movimento pedagógico que transcende a prescrição de movimentos, como no paradigma motor-esportivo. O jogo dramático coloca o corpo não apenas em movimento, mas em expressão e linguagem, estimulando o desenvolvimento socioafetivo da criança por meio da representação de situações conflituosas ou de papéis sociais (LOMBARDI, 2023).

Conforme dito por Oliveira e Silva (2013, p. 3):

A individualidade, o coletivo, os relacionamentos interpessoais, a afetividade e a inteligência são aspectos que caminham no sentido do desenvolvimento do ser humano de forma integral que podem ser trabalhados no jogo dramático, unindo a imaginação, a dramatização, o lúdico com o pensamento e a fala, por meio da capacidade aprendida de inverter completamente a posição inicial do sujeito em relação a elas.

Logo, essa prática que se distingue de uma simples atividade imaginária por sua intencionalidade e planejamento, atua como uma prática cultural em que a criança experimenta a alteridade e desenvolve a empatia e a capacidade de resolver problemas de forma imaginativa (SILVA, 2020). Desse modo, a EFe, ao adotar o jogo dramático, assume sua responsabilidade de trabalhar a corporeidade como elemento de inserção cultural e social, potencializando a formação integral do aluno (CUNHA; RAMOS; WILLMS, 2021).

A proposta de inserção do jogo dramático na EFei exige do professor um entendimento claro de que o objetivo não é a formação para a arte teatral, como encenar uma peça ou espetáculo. Em vez disso, a finalidade pedagógica é estimular as crianças a jogarem cenicamente, a personificar tipos, a improvisarem e a solucionarem problemas a partir de seus repertórios culturais, utilizando a intensidade da ação para promover o desenvolvimento estético, cognitivo, motor, afetivo e social (BASTOS; MORAIS; CORDEIRO, 2015). O movimento criativo, como o teatro (FRANÇA; SILVA, 2014), deve ser introduzido paulatinamente nos jogos propostos, servindo como instrumento que gera uma gênese de exercício dramático (SILVA, 2020). Nessa linha tênue com a Educação Física, o jogo dramático possibilita a canalização da atenção e da ação para tarefas comuns, estimulando formas de compartilhar ideias e aceitar as diferenças individuais.

No entanto, a literatura especializada tem consistentemente apontado os desafios e dificuldades enfrentados pelo professorado ao abordar temas relacionados à corporeidade em geral (SOARES *et al.*, 1992; MATTOS; NEIRA, 2009; BASEI, 2008; FERRARI, 2020). Essa dificuldade, que se manifesta na prática, é um reflexo preocupante de uma carência no exercício da pluralidade cultural na formação universitária. A tese defendida por Bellido, Capellini e Lepre (2008) aponta para um problema de ordem política na formação docente, marcada pelo afastamento entre teoria e *práxis*. Tal defasagem restringe a liberação da espontaneidade e a capacidade de inovar, dificultando que o professor medie o acesso dos educandos ao conhecimento por meio de ações significativas. Essa crítica é central ao nosso ensaio, pois a efetividade da proposta do jogo dramático na EFe está intrinsecamente ligada à necessidade de uma formação continuada e inicial que capacite o docente a atuar com o corpo como ferramenta de expressão cultural.

Em síntese, o jogo dramático, ao ser compreendido como uma atividade que visa a aprendizagem e o desenvolvimento por meio das vivências de situações cotidianas (BELLIDO; CAPELLINI; LEPRE, 2008), sejam elas recriadas, problematizadas e repensadas, cumpre uma função que é, simultaneamente, estética e ética. Estética, pois engendra a expressão criativa e a literacia motora; ética, pois o conceito axiológico da moralidade se faz no coletivo social e não no individualismo (PATRÍCIO, 1993). A intensa ação e a linguagem promovidas pelo drama vivo e contextualizado garantem o amadurecimento do processo de assimilação e acomodação contínuo, conforme a base de Piaget (1999). Desse modo, a EFei, ao incorporar essa metodologia, assegura o entendimento da Educação (Escolarização) pelo corpo.

4 Ao modo de conclusão: o jogo dramático como imperativo teórico e formativo na educação física escolar infantil

O presente ensaio teórico-reflexivo buscou analisar a relevância do jogo dramático na EFei, tensionando seus conceitos à luz da Psicologia Genética e de perspectivas socioculturais do jogo. Constatamos que a EI se configura como um núcleo primário de interação social, exigindo que a EFe ultrapasse o caráter meramente recreativo e adote uma abordagem pedagógica intencional e fundamentada. O jogo dramático se revelou, metodologicamente, como uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento infantil, dado que a intensa ação e a linguagem (corpórea e verbal) que ele promove garantem o amadurecimento dos processos de assimilação e acomodação.

A principal contribuição analítica deste ensaio reside na defesa de que o potencial do jogo dramático reside justamente na tensão conceitual entre a perspectiva piagetiana (com foco na assimilação individual e no jogo simbólico) e as abordagens socioculturais (com ênfase na acomodação social e na dimensão cultural do jogo). Ao personificar um meio de educação lúdico-criativa de ação e interação, o jogo dramático catalisa o conflito de ideias e torna o corpo a ferramenta de expressão, garantindo o entendimento da escolarização pelo corpo. Essa metodologia não só proporciona um avanço nas aprendizagens, como também estabelece um processo educativo de cunho ético, já que a moralidade é forjada no coletivo social.

Entretanto, o estudo da literatura evidenciou uma lacuna crítica no campo da Educação Física Escolar: a dificuldade do professorado em lidar com conteúdos interligados à arte, o que sugere uma deficiência na formação universitária no que tange à pluralidade cultural. Essa carência se manifesta na prática como um entrave à liberação da espontaneidade e da capacidade de inovação docente. Portanto, o ensaio se impõe como um chamado para que a formação em Educação Física reavalie seus currículos, promovendo a integração entre teoria e *práxis* e preparando os futuros docentes para a aplicação de conteúdos expressivos e dramáticos com a devida intencionalidade pedagógica.

Em última análise, há uma clara necessidade de que o jogo dramático seja mais explorado, tanto no contexto prático ("chão da escola") quanto no âmbito teórico ("literacia científica"). A escassez de material que articule a temática diretamente com os eixos da EFe, observada pelos autores durante a pesquisa, configura-se como uma recomendação enfática para futuras pesquisas. Propõe-se que novos estudos se debrucem sobre as implicações didáticas concretas do jogo dramático à luz da BNCC e em contraste explícito com o jogo de regras, para verificar como essa metodologia pode ser o motor do desenvolvimento motor, estético e social na EI.

Referências

ANASTÁCIO, Bruna Santana *et al.* **Contextos lúdicos de aprendizagem: uma aproximação entre os jogos eletrônicos e educação a distância.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. 2016.

BASEI, Andréia Paula. A Educação Física na Educação Infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 47, n. 3, p. 1-12, 2008.

BELLIDO, Luciana Ponce; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; LEPRE, Rita Melissa. A epistemologia genética de Piaget e o Construtivismo. **Rev. Simbio-Logias**, v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/283505951_Os_jogos_dramaticos_e_o_desenvolvimento_infantil_RePensando_a_pratica_docente. Acesso em: 20 out. 2018.

BASTOS, Clarisse Zan de Assis; MORAIS, Alessandra; CORDEIRO, Ana Paula. Jogos dramáticos e teatrais: aproximações com a Psicologia Genética de Jean Piaget e contribuições à Educação Infantil. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 7, n. 1, p. 66-90, 2015.

BRACHT, Valter. **Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz.** 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: n. 9394/96. Brasília: 1996.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 18 de Setembro de 2024.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Maria Dulce Santiago de. Jogos dramáticos online: reinvenção do papel do professor em tempos-espacos de pandemia. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 32, p. e1524, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v32.669>. Acesso em: 15 out. 2025.

COURTNEY, Richard. **Jogo, teatro & pensamento**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CUNHA, Higor Antonio da; RAMOS, Emanuel Nogueira; WILLMS, Elni Elisa. Corpo e jogo dramático: o processo criativo na linguagem teatral como experiência de consciência e autoformação existencial. **Pontos de Interrogação–Revista de Crítica Cultural**, v. 11, n. 2, p. 381-404, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30620/pdi.v11n2.p381>. Acesso em: 15 out. 2025.

DONATO, Caio Fernandes; MOREIRA, João Luís Mendonça; FERRARI, Carlos Eduardo Rafael de Andrade; MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva. Revisão sistemática sobre a Educação Física escolar na BNCC: uma temática ainda em escassez. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 36, 2023. DOI: 10.22456/2595-4377.128543. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/128543>. Acesso em: 14 out. 2025.

FERRARI, Carlos Eduardo Rafael de Andrade. **O lugar da Educação Física na Escola Cultural**. Estudo elaborado a partir da realidade de duas escolas *sui generis* do Porto e do Rio de Janeiro. F. Carlos Eduardo Rafael de Andrade. Tese de Doutorado em Ciências do Desporto apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. 2020.

FERRY, Luc. **Homo Aestheticus: a invenção do gosto na Era Democrática**. Coimbra: Almedina, 1997.

FRANÇA, Thaísa Raquel Cabral de; SILVA, Viviane Almeida. A influência do jogo dramático na educação infantil. In: **Anais do FIPEd 2014**, 2014. Santa Maria: EditorA Realize, 2014. p. 1-9. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/.../Modalidade_2datahora_25_05_2014_23_50_27_idinscrito_363_9169a252a54eab72bcec6154860a69a3.pdf. Acesso em: 15 out. 2025.

GALLAHUE, David; OZMUN, John; GOODWAY, Jacqueline. **Compreendendo o desenvolvimento motor**. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. *E-book*. ISBN 9788580551815. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788580551815/>. Acesso em: 14 out. 2025.

GALLARDO, Jorge Sergio Pérez. **Educação Física: contribuições à formação profissional**. 5. ed. Ijuí: Unijuí. 2009.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. **Perspectiva**, v. 12, n. 22, p. 105-128, 1994.

LE BOULCH, Jean. **O corpo na escola no século XXI**. São Paulo: Phorte, 2008.

LEPRE *et al.* Contribuições da epistemologia genética para a construção do conhecimento na Educação Infantil. **Rev. Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genética**, v.4, n.1, Jan-Jul, 2012.

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. Aprendizados de crianças pequenas no jogo dramático. **Ensino & Pesquisa**, v. 21, n. 1, p. 188-201, 2023.

LOPES, Joana; MADUREIRA, José Rafael. **A Educação Física em Jogo: Práticas Corporais, Expressão e Arte**. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 9-25, jan. 2006.

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física na adolescência: construindo o conhecimento na escola**. Phorte, 2009.

MANZONI, Julia de Araujo Macieira. Contribuições dos jogos dramáticos no resgate da espontaneidade. Faculdade de Ciências da Saúde - FACS: Psicologia. Brasília. 2008.

MESQUITA, Nídia Alexandra Pereira. **Ouvir e Brincar com Histórias: Práticas de Jogo Dramático em Educação Pré-Escolar**. 2021. Dissertação de Mestrado. Instituto Politecnico de Leiria (Portugal).

MOCARZEL, Rafael Carvalho da Silva; FERRARI, Carlos Eduardo Rafael de Andrade; RETONDAR, Jeferson José Moebus. Relação do Ser Humano e da Sociedade com o Lazer e a Educação Física no Século XXI. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 25, n. 4, p. 314-333, 2022. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/44561/36674>. Acessado em: 14 ago. 2024.

OLIVEIRA, Sérgio José de; SILVA, Francisco Neto da. **O jogo dramático como elemento catalisador da imaginação criativa e do comportamento lúdico**. Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Departamento de Artes Cênicas. Orientador do Projeto Teatro e Comunidade. PROBEX, 2013.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista Histedbr on-line**, v. 9, n. 33, p. 78-95, 2009.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira. **Lições de axiologia educacional**. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1999.

PINTO, Luis Fernando Pires. A EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DA LUDICIDADE: A eficácia dos jogos dramáticos no processo de aprendizagem. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Brasil, São Paulo, v. 6, n. 13, p. 1342-1351, 2023. DOI:

10.5281/zenodo.8342702. Disponível em:
<https://mail.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/715>. Acesso em: 15 out. 2025.

RETONDAR, Jeferson José Moebus. O Fundamento Lúdico na Estética do Jogo. **Revista Cocar**, v. 3, n. 5, p. 67-76, 2011. Disponível em:
<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/71>. Acesso em: 23 out. 2023.

RETONDAR, Jeferson José Moebus. **Teoria do Jogo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Antonio Joaquim Severino. 21. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Andréa Conceição. **O jogo dramático influenciando na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Bahia. 2020.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1978.

SOARES, Carmem Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TEZANI, Thais Cristina Rodrigues. O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos. **Educação em Revista**. Marília v.7, 2006.

VIEIRA, Gilberto Ramos. LIMA, Rayelle Thais da Silva. A utilização do conteúdo jogos como estratégia pedagógica para ensino dos esportes coletivos. **Revista Brasileira do Esporte Coletivo**, v. 2. n. 2, 2018.

Contribuições da autoria

Raianne Mattos Miranda: Concepção, levantamento de material e escrita temática.

Bruna Santana Anastácio: Aprofundamento da escrita temática geral.

Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari: Aprofundamento da escrita temática geral.

Rafael Carvalho da Silva Mocarzel: Aprofundamento da escrita temática geral e orientação / supervisão da pesquisa.

Data de submissão: 22/09/2024

Data de aceite: 20/10/2025